

II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO VII SIMPÓSIO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UFPA CAMPUS CASTANHAL

Inclusão, desenvolvimento socioambiental e produção de conhecimento na Amazônia

05 A 07
NOVEMBRO
2024



Apoio:



Pró-Reitoria de Extensão | UFPA



Pró-Reitoria de Ensino de Graduação | UFPA



Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação | UFPA

ESPOROTRICOSE EM FELINO: Relato de caso em Castanhal-PA

SPOROTRICHOSIS IN FELINES: Case report in Castanhal-PA

ESPOROTRICOSIS EN FELINOS: Informe de caso en Castanhal-PA

Ana Cláudia de Melo Sanches¹
Alex de Sousa Monteiro²

PALAVRAS-CHAVE: Esporotricose. Doença de gato. Doença do jardineiro. Zoonose. Saúde pública.

INTRODUÇÃO

A esporotricose é uma infecção micótica de evolução subaguda ou crônica, acometendo comumente o tecido cutâneo, subcutâneo e linfonodos adjacentes, provocando a disseminação para outros órgãos (Megid et al., 2015). É causada pelo fungo do gênero *Sporothrix schenckii*, atingindo a espécie humana e uma variedade de mamíferos domésticos e silvestres, porém é mais descrita em felinos, devido possuírem uma alta carga fúngica em suas lesões (Almeida et al., 2018). Sua transmissão é devido o fungo conviver na vegetação, como em casca de árvores e solo (Marques et al., 2013), dessa forma o animal acaba contraindo a doença, a transmissão zoonótica que ocorre por meio do gato doente para os humanos, acontece por meio do contato direto com as lesões, arranhaduras ou mordeduras (Junior; Cortezi, 2023).

A sintomatologia dos felinos infectados é observado lesões ulceradas, exsudativas, solitárias ou múltiplas, com bordas elevadas, podendo evoluir para uma necrose tecidual (Medleau; Hnilica, 2003). O diagnóstico pode ser

¹Estudante do programa de pós-graduação PPGSAAM da Universidade Federal do Pará, sanches.anacaudia@gmail.com

²Estudante do Curso de Medicina Veterinária da Universidade da Amazônia, alexmontteiro@hotmail.com

feito a partir de exames laboratoriais, como o citopatológico, histopatológico e cultura fúngica das lesões (Jericó et al., 2015). Para o tratamento são utilizados antifúngicos e em casos de coinfecções a antibioticoterapia é recontada (Miller et al., 2013). O prognóstico é de reservado a desfavorável, dependendo da evolução e estado geral do animal.

O atual trabalho objetiva relatar um caso de esporotricose felina, na qual foi atendida em um clínica particular no município de Castanhal, no estado do Pará.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A esporotricose apresenta distribuição universal e ocorre principalmente em regiões de clima tropical e temperado, (Megid et al., 2015). Atualmente a infecção pode ser causada por três espécies diferentes: a *Sporothrix schenckii*, *S. humicola* e *S. brasiliensis*, esta última é o principal agente causador da esporotricose no Brasil (Gremião et al., 2021). Sendo considerada uma zoonose é imprescindível que haja medidas de saúde pública, para o controle da disseminação da doença, principalmente em áreas endêmicas (Junior; Cortezi, 2023).

A doença tem frequentemente ocorrido em felinos machos de faixa etária inferior a 4 anos, que não são castrados e têm uma vida com livre acesso às ruas (Medleau; Hnilica, 2003). O hábito de os animais esfregarem-se em árvores com pontas afiadas e terem contato com o solo, para cobrir suas dejeções, acabam sendo infectados pelo fungo (Larsson, 2011).

Os sinais clínicos observados em gatos podem ser classificados em duas formas: a cutânea, em que são descritas lesões ulceradas e nodulares, múltiplas ou não e a forma extracutânea, sinais respiratórios e pode envolver outros órgãos (Gremião et al., 2021). De acordo com as lesões afetam a cabeça, membros distais ou base da cauda e concomitantemente pode haver letargia, depressão, anorexia e febre (Medleau; Hnilica, 2003).

O Diagnóstico é realizado a partir da anamnese e exame físico do animal, exames laboratoriais e epidemiológico. Os exames complementares mais utilizados para o diagnóstico definitivo é a citopatologia, na qual a técnica consiste fazer um impressão do exsudado ou utilização de swab, para a visualização de leveduras, arredondadas e em forma de “charutos” (Larsson, 2011), o histopatológico, em que um fragmento da lesão é corado com hematoxilina e eosina (HE), para a identificação de infiltrados inflamatórios e o ácido periódico de Schiff (PAS), para a visualização fúngica, (Freitas et al., 2023), e a cultura fúngica, considerado o padrão ouro para o diagnóstico, pode ser realizado preferencialmente a partir de fragmentos de biópsia cutânea, além disso é o método mais eficaz para os felinos, em razão de poucas leveduras nas lesões (Megid et al., 2015). Assim, será possível fazer a exclusão de vários diagnósticos diferenciais.

Para o tratamento o fármaco de escolha para felinos é o itraconazol, em vista de apresentar menos efeitos adversos quando comparado aos demais agentes antifúngicos (Almeida et al., 2018). O medicamento é administrado por 2 meses e mesmo após a melhora e cicatrização das lesões é recomendado dar continuidade ao tratamento por duração de 1 mês (Freitas et al., 2023).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Foi atendido em uma clínica veterinária particular um felino, macho, de 2 anos, não castrado, pelagem branca, SRD, o qual apresentava lesões ulceradas, algumas com crostas hemáticas, outras com secreção avermelhadas. Tutora relatou que o paciente tinha fugido de casa há 1 mês e a uma semana apareceram algumas escoriações, em que não cicatrizaram e no momento do atendimento foi observado que as escoriações haviam se multiplicado e ele estava apresentando muito sangramento, além de desconforto ao ser manipulado.

Em exame físico notou-se que o animal apresentava desconforto ao ser manipulado e que as lesões estavam presentes em região de cabeça-pescoço, membros pélvicos e torácico. Os linfonodos submandibular estavam levemente alterados. Destaca-se que as lesões na região latero cervical apresentavam forma de rosário.

Foi coletado material das lesões para análise de lâminas de vidro, material coletado foi corado em panótico rápido, visualizado em microscopia nas objetivas de 40x e 100x óleo de imersão. Onde foi possível observar artroconídios, sugestivos de *Sporothrix sp.*, livres e fagocitados por macrófago.

O tratamento preconizado foi de itraconazol obedecendo às orientações das diretrizes internacionais para esporotricose felina. Além disso, também foi orientado para que a tutora isolasse o paciente durante o tempo de tratamento, uma vez que ele poderia transmitir a doença aos humanos e outros animais da casa.

Naquele momento a tutora demonstrou-se resistente ao isolamento do felino. Devido ao potencial zoonótico foi informado e orientado à tutora não manipular as feridas presentes do animal com tratamento o tópico, em virtude de que o paciente poderia arranha-las devido ao estresse e dor na manipulação. Usar luvas e camisa de manhã longa no momento de administração do medicamento via oral, além da higienização do espaço onde o felino iria ficar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A esporotricose vem assumindo o protagonismo pungente entre as doenças fúngicas na região castanhalense, dados epidemiológicos da doença estão sendo levantados pelo Centro de Controle de Zoonoses do município de Castanhal, a população a conhece como doença do gato, mas ignora a importância de levar o bichano para consulta médica veterinária o mais breve possível.

As doenças fúngicas estão entre as doenças dermatológicas mais presenciadas em gatos domésticos (Larson, 1996), entretanto o seu diagnóstico deve trilhar a exclusão de doenças dermatológicas causadas por parasitas, bactérias, neoplásica e/ou alérgica. Por este motivo a citologia, em caso de suspeita de esporotricose, é o exame de maior viabilidade ambulatorial e/ou financeira para o tutor. Embora, a cultura fúngica e histologia sejam os

exames tidos como de eleição, principalmente quando não for possível se observar as leveduras na citologia (Gremião, 2021; Santos, 2019).

O tratamento sistêmico de eleição é o Itraconazol de referência, 100 mg/gato, SID (Gremião, 2021), com duração de 60 dias, devendo o paciente retorna non²⁹º dia para coleta de material citológico e pelos, para análise de presença ou não do fungo nos pelos e tecidos cutâneos.

Após 21 dias de tratamento, em acompanhamento foi observado processo de remissão lento das lesões, mas que houveram evolução no aspecto clínico das mesmas, isto é, não se observou exsudatos, nem tão pouco edemaciado e formação de crostas no leito ungueal.

Em casos onde ocorra óbito do animal, a carcaça deverá ser destinada a empresas de recolhimento de lixo patológico para ser cremada, a fim de evitar a contaminação ambiental. Toda suspeita de esporotricose deve ser notificada ao órgão de zoonoses do município para que este averigue e crie estratégias epidemiológicas de combate à doença.

CONCLUSÕES (OU CONSIDERAÇÕES FINAIS)

Este trabalho relatou um caso de esporotricose atendido e uma clínica particular em Castanhal, o qual ratifica que a doença está expandindo a área epidemiológica no Brasil, uma vez que antes era mais observada no estado do Rio de Janeiro, Espírito Santo e na capital de Salvador. Por este motivo faz-se necessário a notificação da mesma aos órgãos competentes para que seja traçado um novo perfil da doença no país. Para que assim os médicos veterinários possam tê-la como diagnóstico diferencial de alta relevância em suas consultas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Adriana J.; REIS, Nathália F.; LOURENÇO, Camila S.; COSTA, Nina Q.; BERNARDINO, Maria L.A.; VIEIRA-DA-MOTTA, Olney. Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, [S.L.], v. 38, n. 7, p. 1438-1443, jul. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1678-5150-pvb-5559>.

Gremião, I.D.F., Martins da Silva da Rocha, E., Montenegro, H. et al. **Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision**. *Braz J Microbiol* **52**, 107–124 (2021). <https://doi.org/10.1007/s42770-020-00365-3>

JERICÓ, Márcia Marques; KOGIKA, Márcia Mery; ANDRADE NETO, João Pedro de. **Tratado de medicina interna de cães e gatos**. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

JUNIOR, Marco Antônio Giampani; CORTEZI, Alessandra Maria. **ESPOROTRICOSE EM FELINOS: REVISÃO DE LITERATURA**. *Revista Científica Unilago*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1-11, dez. 2023. Disponível em:

[https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1010.](https://revistas.unilago.edu.br/index.php/revista-cientifica/article/view/1010)

Acesso em: 28 set. 2024.

LARSSON, C E, Otsuka, M., & Michalany, N. S. El gato como fuente de infección em la Esporotricosis humana: relato de casos em São Paulo (Brasil). In Congresso Panamericano de Ciências Veterinárias, 1996.

LARSSON, Carlos Eduardo. Esporotricose. **Braz. J. Vet. Res. Anim. Sci.**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.

MARQUES, Carla Janaina Rebouças; MARTINS, Nathálya dos Santos; CARVALHO, Victor Hugo Azevedo; PEREIRA, Ulisses Fernando Carvalho; CRUZ, Kellen Lisboa; OLIVEIRA, Rudson Almeida de; MELO, Ferdinand Almeida. SPOROTHRIX SCHENCKII EM FELINO NO ESTADO DO MARANHÃO – RELATO DE CASO. **Acta Veterinaria Brasilica**, Maranhão, v. 7, n. 1, p. 297-298, maio 2013.

MEDLEAU, Linda; HNILICA, Keith A.. **Dermatologia de Pequenos Animais**. Rio de Janeiro: Roca, 2003.

MEGID, Jane; RIBEIRO, Márcio Garcia; PAES, Antonio Carlos. **Doenças Infecciosas em Animais de Produção e de Companhia**. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

MILLER, William H.; GRIFFIN, Craig E.; CAMPBELL, Karen L.. **Muller and Kirk's Small Animal Dermatology**. 7. ed. Missouri: Elsevier, 2013.

SANTOS, Edna Michelly de Sá. Esporotricose. In: MENCALHA, Renata Novais. **Atlas de Dermatologia em cães e gatos – de A a Z**. Curitiba , Medvep, 2019 . ISBN: 978-85-66759-11-2.